

# PRODUÇÃO DE SENTIDOS A PARTIR DA REFERENCIAÇÃO ANAFÓRICA NA REVISTA VEJA

Gesseldo de Brito Freire (UERJ)  
*canoarte@yahoo.com.br*

## RESUMO

Considerando que um texto não seja um amontoado de palavras isoladas, sem propósitos definidos, descabidos de quaisquer intenções, seu produtor se vale de uma gama de recursos a fim de construir os sentidos pretendidos. Esse procedimento pode ser observado em diferentes gêneros textuais; todavia, em alguns, respeitando os interesses de seus interlocutores, tal construção tem merecido algum tipo de destaque em diferentes abordagens linguísticas. Nesse sentido, pode-se verificar que, para aqueles textos pertencentes à esfera jornalística, seu produtor, apropriando-se de uma falsa neutralidade na (re)elaboração da realidade social, deixa parecer que o fator neutro seja somente um princípio em materiais dessa natureza. Assim, ao longo da tessitura textual, na construção dos enunciados seu produtor faz uso de uma lista de procedimentos típicos dos gêneros textuais, como seleção lexical, recursos fraseológicos e gramaticais, escolha de uma linguagem adequada, entre outros, visando apresentar um material atraente para o exercício da leitura e posteriores comentários de seu público leitor. Nesse conjunto, cumpre ressaltar os processos de referenciação – limitada neste artigo aos processos anafóricos. Esses recursos permitem ao jornalista construir na malha textual objetos de discurso, apresentando sua ideologia, bem como seus argumentos, com o objetivo de um possível aceite de seu público. Deste modo, apoiado no que recomenda a Linguística Textual, esta pesquisa apresentará uma pequena análise de como o uso das anáforas pode ser capaz de produzir sentidos em textos aparentemente neutros, assim como tal recurso pode contribuir para o ensino da língua. Para isso, tomar-se-ão como *corpus* de análise duas matérias jornalísticas intituladas “O BLOCO DO QUEBRA-QUEBRA”, edição 2335, em 21/08/2013, e “QUANTO RISO, OH! QUANTA ALEGRIA...”, edição 2363, de 05/03/2014, ambas veiculadas pela Revista *Veja*.

**Palavras-chave:** texto; referenciação; produção de sentidos.

## 1. INTRODUÇÃO

Ao realizarmos uma abordagem sobre o ato jornalístico, podemos pensar que esse fazer esteja associado a uma função não apenas organizadora e veiculadora de informações. Mas, além disso, exerce uma função relevante na construção de um conjunto de opiniões junto aos seus usuários. Esse processo ocorre sempre em estado de submissão e coerções que dimanam e outros interesses de poder, como a política, o mercado e a religião. Desse modo, é válido considerar que tal prática não se realiza em um vazio social, desintegrado de um jogo de interesses e estabelecimentos de valores.

Pensar assim é considerar que esse fazer não se manifesta ausente de um cenário de grandes tensões. Nesse sentido, proceder a uma análise de como o discurso midiático, sobretudo em matérias de revistas, é construído tem sido um desafio para profissionais que se dedicam a pesquisar a produção de textos dessa esfera. Isso porque, diferentes interesses escusos disfarçam-se sob um manto de neutralidade discursivamente engendrada e mantida.

Segundo Brent e Assunção (2007),

[...] a realidade mostra que a mídia é atravessada por interesses os mais diversos, frequentemente difusos e antagônicos. Vários estudiosos têm considerado a mídia como uma forte atuante no exercício do poder, na atuação pública e na manifestação política. O fato é que a mídia está presente tanto nos graves conflitos sociais que atravessam a sociedade quanto em funções específicas do Estado, preenchendo um vazio do exercício do poder. O que caberia à sociedade, mediante várias instituições e organismos, fica restrito à discussão realizada pela mídia, nem sempre plural e nem sempre aberta à maioria da população. Assim, a mídia torna-se um espaço de disputa de sentidos sobre a realidade social (BRENT & ASSUNÇÃO, 2007, p. 3).

A partir da reelaboração dessa realidade, a imprensa constrói, portanto, um conjunto de “verdades” relativamente prontas, induzindo uma grande parte da sociedade ao exercício de um mero consumo daquilo que lhe é oferecida. Nesse processo, os textos empregados elaboram versões não neutras da realidade, marcando os posicionamentos sociais e os objetivos de seus enunciadores.

Assim sendo, o resultado da (re)construção dessa realidade nos permite perceber marcas linguísticas ao longo da malha textual. Tais recursos podem ser de diferentes aspectos, todavia para esta pesquisa, a escolha é pela *referenciação*, considerando ser um relevante recurso na e para construção dos sentidos nos textos oferecidos pela imprensa.

Dubois & Mondada (2003) explicam que a *referenciação* implica numa concepção de língua em que, com auxílio de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo, os sujeitos são capazes de realizar a adequação de seus discursos a cada fim comunicativo, a cada situação, produzindo e refazendo seus atos sociais. Desse modo, podemos pensar, portanto, que ocorra uma relação entre as palavras e as coisas, além da ocorrência de sujeitos socialmente constituídos e capazes de realizarem a adequação de seus discursos, conforme o fim e a situação.

As autoras ainda afirmam que o sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias discursivas. De que modo, então, a referenciação é capaz de contribuir para a construção de um discurso capaz de (re)elaborar a realidade social?

Na tentativa de uma resposta, recorro a Cavalcante (2013) e a Koch (2005) na afirmação de que os processos de referenciação se apresentam como um fenômeno textual-discursivo dos mais

relevantes para a produção/compreensão de sentidos. Nessa perspectiva, ao longo desta pesquisa, considero que a anáfora, um dos recursos do ato de se referir, se apresenta como um importante recurso de transformação desse modelo de texto em instrumento de (re)elaboração da realidade social.

O ato de se referir se traduz no fato de que os referentes sejam constructos socioculturais alimentados pelas práticas discursivas dos sujeitos na vida social. Relacionando isso a uma prática discursiva, concretizada sob a forma de texto, entendo que a anáfora no processo de referenciação em muito contribui para que o fazer jornalístico seja considerada uma relevante prática social. Assim, vale a pena observar como, na contemporaneidade, esse recurso se mostra capaz de construir ora de modo explícito, ora de modo implícito, crenças e valores nos usuários da língua.

Por fim, observando que a referenciação anafórica tem se apresentado como um valioso recurso que a mídia impressa recorre para a (re)elaboração da realidade social, a reportagem especial apresentada pela Revista *Veja*, edição 2335, de 21/08/2013, intitulada “O BLOCO DO QUEBRA-QUEBRA”, assim como outra, QUANTO RISO, OH! QUANTA ALEGRIA...”, edição 2363, de 05/03/2014, pareceram-me relevantes como *corpus* para esse tipo de análise.

## 2. REFERENCIAÇÃO

Para que melhor possamos compreender a referenciação, vale fazer um pequeno histórico sobre o assunto. Assim, recorro ao que tem proposto desde a década de 60 a Linguística Textual. Surgida naquela época, na Europa, onde ganhou projeção, a Linguística Textual se preocupava apenas com as relações interfrásticas, ou seja, limitava-se a descrever os fenômenos sintático-semânticos que ocorriam entre enunciados ou sequências de enunciados. Segundo Koch (2000, p. 11), “este é o momento a que se denomina ‘análise transfrástica’, no qual não se faz ainda, distinção nítida entre fenômenos ligados uns à coesão, outros à coerência do texto”.

Somente a partir de 1980 que a Linguística Textual se encarrega de pesquisar que aspectos fazem que um texto seja tratado como tal. Neste momento, várias Teorias do Texto são levadas em consideração. Diversos foram os estudos apresentados sobre o processo comunicativo que se estabelece entre o autor, o leitor e o texto nos mais diferentes contextos.

Desse modo, considerando a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica através de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto (KOCH, 2000), a Linguística Textual adota como objeto de investigação não mais a palavra (ou mesmo a frase isolada), porém o texto.

O texto, ultimamente tomado como produto de um *múltiplo referenciamento*, é visto como uma “[...] sucessão de unidades linguísticas constituída mediante uma concatenação pronominal

ininterrupta” (KOCH, 2004, p. 3). Em outro estudo, a autora afirma que o principal recurso de coesão, responsável por tecer a malha textual é a referência, haja vista que a continuidade dos referentes é responsável pela construção do sentido no texto. Segundo Koch (2009, p. 19), os elementos de referência são “(...) os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação”.

Por sua vez, Mondada & Dubois (2003) dispõem que seja substituída a ideia de *referência* por *referenciação*, assim como *objetos de discurso* por *referente*. Segundo elas, a referenciação não expressa somente o uso de expressões referenciais, mas também transcorre pelo processo cognitivo do sentido em uma situação comunicativa.

Sendo instáveis e apresentando uma constituição transitória, “os referentes, ou objetos-de-discurso, emergem do uso da língua nas práticas sociais” (CAVALCANTE, 2005, p. 125). Isso porque os sujeitos são capazes de realizar uma adequação de seus discursos a cada fim, conforme cada situação comunicativa, criando e recriando suas atividades sociais conforme as versões do mundo publicamente elaboradas (MONDADA & DUBOIS, 2003).

Na publicação de seus discursos, os sujeitos têm à disposição diferentes instrumentos para realizarem referência a algo ao longo de seus textos. Todavia, aqui quero chamar a atenção para o uso das *anáforas*, importantes mecanismos de progressão referencial.

Marcuschi (2005, p. 54) afirma que “originalmente, o termo anáfora, na retórica clássica, indicava a repetição de uma expressão ou de um sintagma no início de uma frase”. Todavia, por meio de estudos ligados à Linguística Textual, muitos estudiosos têm considerado que esse recurso vai além do que outrora se pregava sobre ele. Koch (2004, p. 59), por exemplo, afirma que

A interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, consiste não em localizar um segmento linguístico (“antecedente”) ou um objeto específico no mundo, mas em estabelecer uma relação com algum tipo de informação presente na memória discursiva (2004, p. 59).

Essa propriedade faz da anáfora um importante instrumento para a progressão textual. Ao longo da tessitura textual, há sempre uma informação nova ancorada em algo antes transmitido. Fazer referência de modo anafórico é, sem dúvida alguma, produzir sentidos, construir discursos a serem compartilhados.

### 3. ANÁLISE

#### A – “O BLOCO DO QUEBRA-QUEBRA” – Revista *Veja*, edição 2335, de 21/08/2013

Nesta edição, a *Veja* apresenta um histórico do surgimento dos *black blocs* no Brasil, assim como a participação do grupo nas manifestações populares ocorridos durante o ano em 2013 em

grandes capitais brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo. Tomo, inicialmente, o título da reportagem, *O bloco do quebra-quebra*. Compreender sua relação com o restante do texto, requer observar o que Koch & Elias (2007) afirmam sobre introdução de referentes textuais.

Segundo as autoras, há dois tipos de processos de introdução de referentes textuais: a ativação “ancorada” e a “não-ancorada”. A primeira ocorre quando um novo objeto de discurso é introduzido no texto, com base em algum tipo de associação como elementos já presentes no cotexto ou no contexto sociognitivo, enquanto a segunda se manifesta quando um objeto de discurso totalmente novo é introduzido no texto.

Vejamos, então, o que ocorre na apresentação do título da reportagem:

(1) *O bloco do quebra-quebra*.

Em (1), por ser um objeto de discurso totalmente novo no texto, o título constitui um tipo de ativação não-ancorada, operando uma primeira categorização do referente, *black blocs*. E, reforçando a ideia de que tal bloco do quebra-quebra seja realmente composto pelos *black blocs*, o produtor do texto insiste na categorização do objeto apresentado, construindo o subtítulo com as seguintes informações:

(2) Com slogans anarquistas na cabeça e coquetéis molotov na mão, os black blocs se espalham pelo Brasil e transformam protestos em arruaça. Jovens da periferia, punks e até universitárias de tênis Farm compõem o bando.

Em (2), há algumas novas informações que darão suporte ao leitor para a compreensão do título. Expressões como *slogans anarquistas*, *coquetéis molotov* e *arruaça* revelam o porquê de os *black blocs* terem sido denominados pela revista de *O bloco do quebra-quebra*. Temos, portanto, um caso de ativação “ancorada”.

Conforme Koch & Elias (2007), estão entre esses casos as chamadas anáforas indiretas e anáforas associativas. Enquanto as primeiras se caracterizam pelo fato de não existir explicitamente no contexto qualquer antecedente, mas, sim, um elemento de relação que se pode denominar de âncora e que é decisivo para a interpretação (KOCH, 2009), as segundas introduzem um referente novo no texto, por meio da exploração de relações meronímicas, isto é, todas aquelas em que um dos elementos da relação pode ser considerado, de alguma forma, ingrediente do outro (KOCH & ELIAS, 2007). Vejamos:

(3) Em São Paulo, o governo e a prefeitura gastaram até agora 350.000 reais para consertar vidraças das estações de metrô destruídas, placas de rua e pontos de ônibus. No Rio de Janeiro, o prejuízo superou 1,5 milhão de reais.

Se para a primeira parte do trecho, escolheu-se informar que em São Paulo, o governo e a prefeitura *gastaram* certa quantia, para a segunda a escolha foi pela expressão nominal *o prejuízo*.

Como se pode observar, o verbo *gastar* tem suas funções temáticas, usando para este caso uma expressão até então não apresentada. Temos, portanto, um caso de anáfora indireta.

Enquanto que as anáforas correferencias (diretas e indiretas) fazem referência a algo diretamente informado no enunciado, as anáforas associativas são referenciais, isto é, estas somente podem ser interpretadas de modo referencial, estabelecendo uma relação com informações previamente introduzidas no plano do discurso.

Vejamos agora um caso de anáfora não correferencial:

- (4) No dia anterior, em São Paulo, black blocs haviam queimado uma catraca, que levaram durante toda a manifestação como troféu. Na sequência, invadiram o prédio da Câmara Municipal e destruíram suas vidraças.

A expressão *vidraças* não apresenta nenhum antecedente direto no enunciado. No entanto, através de alguma entidade mencionada no discurso, somos capazes de identificar a que expressão faz remissão. Assim, por um prévio conhecimento do leitor, somente *o prédio da Câmara Municipal* pode ser a âncora que possibilita a compreensão do trecho.

Entre os casos de introdução ancorada de novos objetos de discurso também podem ser incluídas as chamadas nominalizações ou rotulações. Koch & Elias (2007, p. 129) afirmam que isso ocorre “quando se designa, por meio de um sintagma nominal, um processo ou estado expresso por uma proposição ou proposições precedentes ou subseqüentes no texto. Esse recurso possibilita a transformação de enunciados anteriores em objetos de discurso.

- (5) Há mais um mês, black blocs lideram um acampamento na porta da casa do governador Sérgio Cabral. Dentro de suas tendas, entre um baseado e um gole de vodca, exigem a renúncia do político.

Por trás dos lenços – pretos, na versão original; de qualquer cor que estiver à mão, na versão brasileira – estão principalmente moradores da periferia. Mas punks e egressos de movimentos sociais decadentes, como o MST, engrossam as fileiras do bando. Nessa combinação, a adesão dos primeiros – com suas calças justas e coturnos de cadarços pretos, vermelhos ou amarelos (os brancos são abominados pela associação com os inimigos neonazistas – contribui para aumentar o grau de violência do grupo e levar para dentro dele outros elementos deletérios, como vinho barato e cocaína). Em São Paulo, completam a babel social, estudantes de universidades como USP, PUC e Faap.

Uma estratégia conveniente para retomar toda a predicação atribuída à formação dos *black blocs* é a apresentação de uma expressão nominal, realizando um sumário de toda a unidade textual precedente, numa estratégia de encapsulamento anafórico. Por apresentarem em sua formação uma enorme diversidade de tipos sociais, os *black blocs*, assim como seus predicativos, são resumidos em uma única expressão, ou seja, recebem o rótulo de *babel social*.

Rótulos são anáforas encapsuladoras de núcleo nominal que exercem a função de resumir uma porção de texto, inaugurando um novo referente, um novo tópico para o discurso (FRANCIS, 1994). Esses grupos nominais oferecem uma extensão do discurso como um ato linguístico, rotulando como, por exemplo, um argumento, um aspecto ou uma declaração. Isso revela que *babel social* (exemplo 5) representa um ponto de vista por parte dos produtores da reportagem, sugerindo, portanto, a ideia de que os *black blocs* sejam sinônimos de desordem social..

Entre as anáforas, somente as de função encapsuladora apresentam características argumentativas (CONTE, 2003). O encapsulamento anafórico é um fenômeno textualmente relevante que descreve uma anáfora formada por uma expressão nominal responsável por encapsular uma parte anterior do texto ou de um enunciado, tendo preferência por pronomes demonstrativos para sua composição (CONTE, 2003, p. 177).

É característica desse tipo de pronome a função dêitica, ou seja, ele é responsável pela localização do referente. Trata-se de um recurso coesivo que, parafraseando um trecho do texto, oferece continuidade a ele, partindo de uma opinião e da categorização do objeto de discurso. Esse procedimento pode ser observado no trecho a seguir:

- (6) Em dois meses de manifestações, mais de 200 agências bancárias foram depredadas, o que causou um prejuízo superior a 100 milhões de reais. No comércio, foi de 38 milhões de reais. Em São Paulo, o governo e a prefeitura gastaram até agora 350.000 reais para consertar vidraças das estações de metrô destruídas, placas de rua e ponto de ônibus. No Rio de Janeiro, o prejuízo superou 1,5 milhão de reais. Com toda essa destruição, porque não há vândalos presos?

Ao apresentar a expressão nominal “com toda essa destruição”, podemos observar o ponto de vista de quem escreveu o texto. Para isso, partindo de uma velha informação, tal expressão torna-se um novo referente discursivo, tornando-se um argumento de predicções posteriores que, caso seu núcleo seja axiológico, será um excelente meio de manipulação (CONTE, 2003), além da manifestação opinativa do autor. Nesse caso, ao encapsular o trecho anterior, convocando o público-leitor a compartilhar sua opinião, não há por que os “vândalos” não estejam presos.

## **B – “QUANTO RISO, OH! QUANTA ALEGRIA” – Revista *Veja*, edição 2363, de 05/03/2014**

Para análise desta matéria, não tomarei todos os procedimentos de referência anafórica apontados na análise anterior. Não que, para a produção de seu texto, os mesmos procedimentos não tenham sido escolhidos, mas porque para a reportagem que serviu de capa entendi ser relevante verificar tão somente como se processa o recurso do encapsulamento anafórico.

Ao longo da tessitura, seu enunciador constrói um discurso que será conhecido no oferecimento de um rótulo no final do texto. Entendo, portanto, que, a partir da metáfora constante

do título “QUANTO RISO, OH! QUANTA ALEGRIA...”, ocorra a apresentação de uma série de elementos argumentativos que justifiquem sua relação com a expressão “BLOCO DOS MENSALEIROS”. Para isso, cumpre listar doze trechos sequenciais extraídos da matéria.

- (1) “No primeiro mandato do presidente Lula, o governo e a cúpula do PT subornaram parlamentares em troca de apoio político, numa operação que movimentou pelo menos 173 milhões de reais, dinheiro desviado dos cofres públicos [...]”
- (2) “Maior esquema de corrupção política da história do Brasil, o mensalão resultou na condenação de 25 pessoas a 270 anos de prisão e ao pagamento de 22 milhões de reais em multas.”
- (3) “Enfim, a lei valia para todos no Brasil, de pés-rapados a excelências.”
- (4) “Na semana passada, no entanto, recebeu uma emenda que tem repercussão simbólica e prática significativa – e que beneficia a ala dos mensaleiros-chefes, às vésperas do Carnaval, com a promessa de liberdade em poucos meses.”
- (5) “A emenda foi feita pelo plenário do STF ao analisar os chamados embargos infringentes apresentados como as condenações por formação de quadrilha.”
- (6) Num intervalo de apenas um ano e três meses, a condenação virou absolvição do tribunal. Os novatos Luís Roberto Barroso e Teori Zavascki, foram decisivos para a reviravolta. Eles aderiram à tese de que os mensaleiros não formaram uma quadrilha porque não teriam cometido crimes de forma continuada ao longo do tempo nem tentado contra a paz pública.”
- (7) “A anulação do crime representa uma dupla vitória da antiga cúpula petista.”
- (8) “Os mensaleiros têm mais motivos para festejar. Mesmo presos, Dirceu, Delúbio e Genoino enriqueceram mais de 2 milhões de reais graças às doações recebidas para pagar suas respectivas multas.”
- (9) “Desde a prisão dos petistas, familiares e amigos não enfrentaram filas nem revistas íntimas para visitá-los. Era comum também visita fora dos dias previstos. Dirceu transformou a biblioteca do presídio em escritório, dificultando o acesso dos outros presidiários a ela.”
- (10) “Enquanto uns mensaleiros poupam no presídio, outros ganham à custa do mensalão. Nada que abale o moral do PT. O partido e o ex-presidente Lula sempre menosprezaram os prejuízos eleitorais decorrentes do julgamento. Eles afirmam que, mesmo depois da descoberta do esquema, o petista conquistou duas vezes a Presidência e elegeu Dilma sua sucessora. Lembram ainda que em 2012, em meio à divulgação das primeiras condenações no processo, conseguiram ganhar a disputa pela prefeitura de São Paulo.”
- (11) “O mesmo discurso político foi entoado da tribuna do Supremo por alguns advogados dos mensaleiros. Um deles chegou a ressaltar a perspectiva de eleição de Dilma para zombar do Judiciário [...]”
- (12) O partido ainda festeja, com ares de ironia, a possibilidade de conquistar mais quatro anos de mandato na Presidência.”

A sequência apresentada nos remete para a grande metáfora do texto. Encapsulando todos os tópicos, o produtor textual rotula os desfechos do processo do mensalão como sendo uma grande festa para os acusados. Nada melhor, portanto, como proceder a uma rotulagem, associando o resultado a uma expressão nominal, ou seja, ao termo Carnaval. Afinal, observando o contexto da publicação da matéria (período próximo à festa mais popular do Brasil), para *Veja* “é desnecessário dizer quem, como sempre, fará o papel dos mil palhaços no salão”.



Por fim, numa breve associação do título com o desfecho da matéria, o uso da ironia no posicionamento crítico da revista revela o porquê de “QUANTO RISO, OH! QUANTA ALEGRIA...”. Valendo-se de versos de Máscara Negra, música de Zé Kéti e Pereira Matos, seu enunciador metaforiza de modo criativo os desfechos do mensalão. Constrói-se, portanto, o discurso de que “No meio da multidão”, quem realmente está se divertindo não é a grande massa popular, mas sim os indivíduos que compõem o então “BLOCO DOS MENSALEIROS”.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O produtor do texto é encarregado pelas escolhas léxico-sintáticas para a construção de sentidos que lhe interessa. Para isso, utiliza a referenciação como um instrumento para a interpretação do texto, tendo em vista que os objetos de discurso não estão prontos, e sim criados ao longo da malha discursiva. Assim, valendo de expressões nominais anafóricas operam a recategorização dos objetos de discurso, isto é, reconstruem tais objetos, ao longo do texto, a fim de atender aos seus propósitos comunicativos.

Para esse processo de (re)construção, o redator age como apresenta Lage (1990), suprimindo usos linguísticos pobres de valores referenciais, considerando que a descrição do texto não deve ser limitada ao provimento de fórmulas rígidas, visto que elas não constam da variedade de situações encontradas no mundo objetivo, assim como inclinam para o envelhecimento. Isso porque a questão teórica ocorre no estabelecimento de princípios tão gerais que possibilitam a constante atualização da linguagem, relacionados com os objetivos, o modo e as condições de produção do texto.

Como observamos, a aplicação da referenciação por meio de anáforas em textos jornalísticos possibilitam que, ao longo da malha textual, a Revista *Veja* produza seus sentidos pretendidos, (re)elaborando a realidade social de seu público, conduzindo-o à aceitação de suas opiniões sobre fatos sociais ocorridos cotidianamente.

Por oportuno, valho-me das palavras de Koch (2005, p. 34) ao afirmar que, “o sujeito por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à sua proposta de sentido”. Esses recursos de referenciação possibilitam, portanto, não somente a (re)construção de objeto de discurso, mas também a construção de outros.

Nesse sentido, mostra-se oportuno estudar como na gramática do texto, as escolhas lexicais permitem um modo de fazer referência que apresenta não apenas valores, como também práticas sociais que atuam num espaço além das páginas da revista. Realizando uma remissão, as anáforas produzem, ao longo da malha textual, novos significados. Assim, por meio desse processo que faz

do leitor parte de um contrato de comunicação, seguindo o projeto de dizer oferecido pela revista, seu público organiza sua visão de mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUGRANDE, R. A.; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. Londres: Longman, 1981.

BRENT, G. R.; ASSUNÇÃO, A. L. **Discurso, referência e sentido: a crise política na mídia**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 12., 2007, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0286-1.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2013.

CAVALCANTE, Mônica Carvalho. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

\_\_\_\_\_. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore Villaça. Referência e organização argumentativa. In: KOCH, Ingedore; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Cristina (Org.). **Referência e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

CONTE, Maria-Elizabeth. **Encapsulamento anafórico**. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alen (Orgs.). **Referência**. São Paulo: Contexto, 2003.

DUBOIS, Danielle; MONDADA, Lorenza. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. **Referência**. São Paulo: Contexto, 2003.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: Coulthard, M. (ed.). *Advances in written text analysis*. Londres: Routledge, 1994, p.83-101. Tradução para o português: Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M.M.; BIASI-RODRIGUES, B; CIULLA, A. (orgs.) **Referência**. São Paulo: Contexto, p.191-228.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, V. Maria. **Ler e compreender**. São Paulo: Cortez 2007.

\_\_\_\_\_. Referência e organização argumentativa. In: KOCH, Ingedore; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Cristina (Org.). **Referência e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

LAGE, N. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1990.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A. Anáfora indireta: O barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. *et al.* **Referência e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.